



Mediatização e organizações: possibilidades de análise¹ **Mediatization and organizations: possibilities of analysis**

Bruno Vinhola²

Rudimar Baldissera³

Palavras-chave: organizações; mediatização; cultura; circulação.

O esquema de Verón (1997) para análise da mediatização ainda é base para muitos estudos em virtude da clareza que o autor concede a uma ambiência altamente complexa. Esse esquema é dividido em três instâncias: meios, instituições (organizações) e atores individuais. Observam-se algumas atitudes de pesquisa frente a essa configuração repleta de possibilidades: 1) a maioria dos estudos está focada nos meios e nos atores individuais; 2) entre os que adentram na instância organizacional, muitos permanecem limitados à análise de processos comunicacionais de ordem formal/autorizada; 3) alguns trabalhos acreditam que estão abordando processos organizacionais quando, na verdade, estão centrados na esfera do ator individual; e 4) há uma profusão de estudos minuciosos sobre fazeres e saberes específicos que se

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² . Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Especialista em Planejamento em Comunicação e em Gestão de crises de imagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário Metodista IPA. Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder (GCCOP). brunovinhola@hotmail.com

³ Possui graduação em Relações Públicas pela Universidade de Caxias do Sul (1989), especialização em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade do Vale dos Sinos (1997), mestrado em Ciências da Comunicação/Semiótica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1999) e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGCOM/UFRGS (2017-2019).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

atualizam quando atravessados pelas lógicas de mídia, mas que não mergulham nas complexas relações de cultura e poder que os permeiam.

Neste trabalho propõe-se um olhar para outras possibilidades emergentes da relação entre mediação e organizações. No intuito de escapar das abordagens instrumentais e trefistas, ou das perspectivas repetitivas acerca do uso/apropriação das técnicas midiáticas pelas organizações, procura-se uma analítica mais complexa sobre a temática, a partir da mobilização de conceitos fundantes oriundos das duas vertentes.

1. Mobilizando conceitos

Segundo Uribe (2007, p.36) a ideia de organização pode ser definida como “um grupo de pessoas que se unem em torno a um fim e para alcançá-lo definem normas e um sistema de coordenação” (tradução nossa). Sobre esses agrupamentos humanos, o autor defende a especificidade das organizações como um agrupamento que surge de uma ordem social criada (endógena ou exógena), e não do espontâneo e do informal.

Uribe (2007) lembra que essa “organização” a partir de uma ordem social criada se dá por construções sociais entre subjetividades. Da máxima de Uribe (2007, p.42), de que “para que haja organização tem que haver interação e intenção” (tradução nossa), emergem dois conceitos fundantes para a exploração das configurações organizacionais: cultura e relações de poder. A “intenção” está, segundo Baldissera (2009a, p. 137), intimamente ligada à formação da cultura organizacional: “os indivíduos que se articulam para criar uma organização tendem a fazer com que ela se realize a partir da cultura/do imaginário do(s) grupos(s) ao(s) qual(is) eles pertencem”. Contudo, aos poucos aquela intenção inicial começa a ganhar corpo, de modo que a própria organização passa a exercer influência sobre a cultura desse(s) grupo(s) (BALDISSERA, 2009a). Trata-se de um entrar em relação que implica forças em disputa, o que remete às reflexões acerca das relações de poder que se estabelecem nesse jogo de disputas por visibilidade e por reconhecimento entre organizações e sujeitos, conforme Baldissera (2009a, p.137): “é provável que, quanto mais poder



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

simbólico essa organização construir e exercer sobre esse determinado grupo/sociedade, mais fortes tenderão a ser suas influências e mais frágeis as manifestações de resistência a seus padrões, suas ações [...]”.

Após essa breve apresentação da noção de organização, constituída por cultura e relações de poder, examina-se o fenômeno da mediação. Sob uma perspectiva de continuidade e incompletude, em uma abordagem histórica de longo prazo, Verón (2014, p.14) considera a mediação como “resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose”. Com isso, o autor quer dizer que as mídias sempre estiveram presentes na sociedade. Na Idade da Pedra, por exemplo, ferramentas exteriorizavam processos mentais na forma de dispositivos. Depois, vieram a escrita, o livro, a imprensa, entre outras invenções técnicas. A mediação é, dessa forma, uma sequência de momentos cruciais em que fenômenos midiáticos são institucionalizados na sociedade. O “momento crucial” da contemporaneidade, de institucionalização da mediação digital, revela que a mediação está ainda mais acelerada, devido ao aumento da conversão de fenômenos técnicos em meios (FAUSTO NETO, 2008). O que criou condições para que qualquer ator ou organização social faça uso/apropriação das técnicas midiáticas.

Mas, como apreender esse fenômeno em processo? Seguindo os conceitos de circulação e dispositivo midiático. O domínio das técnicas midiáticas significa mais indeterminação e desvios na produção de sentidos. A quebra da linearidade é característica da circulação mediada. Segundo Fausto Neto (2010), as mudanças nos regimes sócio-técnico-discursivos fazem emergir uma lógica de interfaces, em que produtores e receptores convivem de maneira mais simétrica. Nesse sentido, Braga (2012) propõe um pensamento para além das instâncias de produção e recepção, pois os sentidos circulantes ultrapassam tais esferas e seguem em um fluxo sempre adiante. Para Ferreira (2013), a circulação se concretiza nos dispositivos midiáticos. Segundo o autor (FERREIRA, 2006), eles podem ser abordados a partir de uma matriz triádica: sócio-antropológica, semio-linguística e técnico-tecnológica. Essa relação matricial faz



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

do dispositivo midiático um espaço de acoplamentos, que contempla o atravessamento de diferentes circuitos, incentiva a inclusão de novos atores midiáticos e possibilita a criação de novos códigos.

Após a breve exploração dos dois eixos dessa interface, estabelece-se um segundo nível, composto de quatro conceitos basilares. Resta pôr em contato tais elementos. Para isso, operacionaliza-se o esquema abaixo:

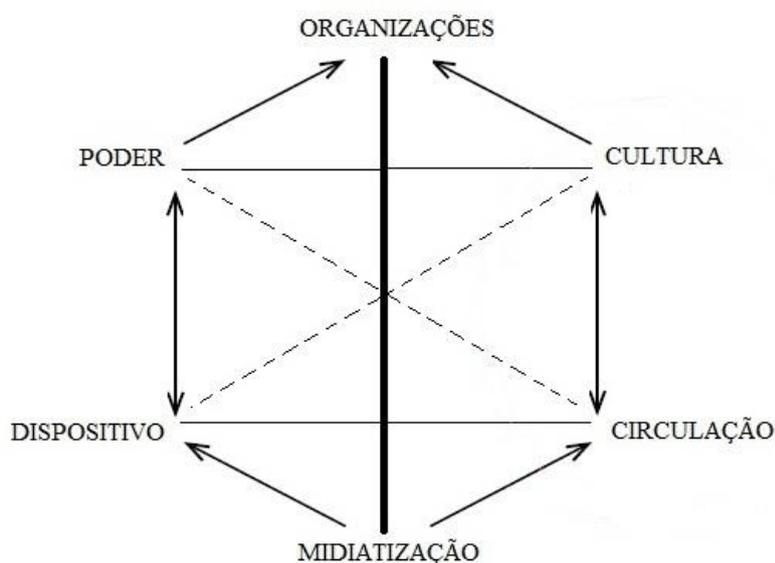


Figura 1. Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma linha mais espessa representa a interface organizações-mídiatização. O vértice mídiatização abre setas para os dois vértices que representam os elementos que o fenômeno impulsiona (dispositivo midiático e circulação). No vértice organizações há o fechamento de duas setas (cultura e relações de poder), que representa os elementos que constituem a organização. Linhas contínuas mais finas representam o caráter imbricado desses conceitos basilares para os dois grandes eixos de análise.

As setas duplas representam os elementos postos em contato. De um lado do hexágono, a relação poder-dispositivo. As relações de poder, concebidas como relações



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

de força nunca cristalizadas, revelam que o poder está no acontecer (FOUCAULT, 1979). E esse acontecer se dá nos dispositivos midiáticos elaborados pelas organizações. Do outro lado, a relação cultura-circulação. Aqui, a emergência da significação como fator de aproximação. Conforme Thompson (1995), os fenômenos culturais podem ser pensados como expressões significativas produzidas e recebidas, ou seja, circulantes. A cultura é, portanto, rede simbólica, significação estabelecida, que pressupõe circulação para se afirmar e, também, se transformar.

As demais linhas pontilhadas demonstram a transversalidade de todos os fenômenos, que de alguma maneira vão estar conectados, o que torna impossível recortes que desconsiderem por completo a interferência das instâncias umas sobre as outras. Mesmo assim, a fim de dar sequência à proposta de estudo, segue-se com um exame mais aprofundado das relações entre cultura e circulação.

2. Cultura organizacional e circulação midiaticizada

Para Geertz (1989), a cultura é uma teia de significados, metáfora que confere importância ao ser humano que tece e é tecido pela(s) cultura(s) à(s) qual(is) pertence. Ocorre que, os sujeitos da(s) cultura(s), deslocados da passividade e não mais condenados a meros reprodutores (BALDISSERA, 2009a), tornam-se responsáveis por fazer circular a significação, perturbando e dinamizando a teia cultural. Quando essa tessitura de significados é pensada aos termos da mediação, percebe-se que os sentidos estão circulando segundo novos protocolos. A partir de uma noção de comunicação como “construção e disputa de sentidos” (BALDISSERA, 2009b) e da paisagem cíclica atual como um espaço que, não apenas coloca em contato produção e recepção, mas que as estimula para que se movimentem segundo suas próprias dinâmicas, chega-se a uma ambiência em que há uma profusão e aceleração desse tecer.

Para Braga (2012), o fluxo “sempre adiante” da circulação não é uma definição abstrata, pois se manifesta na sociedade sob a forma de circuitos, que são processos



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

tentativos de experimentação midiática. A midiatização, através desse fluxo contínuo que contempla embates de sentidos fomentados pela relação cada vez mais confusa entre produção e recepção, provoca nas culturas organizacionais, entre outras afetações, duas formas de pressão: o amadurecimento das lógicas de circulação e a convivência com a interculturalidade acelerada.

2.1. Lógicas de mídia ou lógicas de circulação?

Está mais do que claro que a midiatização afeta qualquer organização, que a cultura de mídia é absorvida de forma cada vez mais rápida e que a (re)tessitura de significados é muito mais abundante. Uma exploração mais fértil da interface midiatização-organizações pode estar na tentativa de não olhar apenas para o uso/apropriação das técnicas de mídia pelas organizações, mas para um amadurecimento em relação a esse “conviver” com as lógicas da circulação.

Uma primeira consideração é que esse processo de absorção acelerada da cultura midiática enfrenta nuances não apenas de uma organização para outra, mas dentro da própria organização. Para esse entendimento, é preciso ceder espaço para todo tipo de interação que se realiza nas diferentes negociações organizacionais. Baldissera (2009b) explica que há uma valorização demasiada dos processos comunicacionais planejados e das ações midiáticas mensuráveis, o que limita os estudos aos aspectos formais e auto-orientados da Organização Comunicada. Uma saída a tal reducionismo pode ser um pensamento que considera outras duas dimensões da comunicação organizacional: a da Organização Comunicante, em que, para além dos processos de comunicação autorizada, assumem relevo processos informais; e a da Organização Falada, que contempla os processos comunicacionais indiretos (BALDISSERA, 2009b), materializados fora dos ambientes da organização, mas que se referem a ela. Nesse contexto de complexidade, considerando os atravessamentos comunicacionais em perspectiva dessas três dimensões e os aspectos singulares das culturas organizacionais,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

cabe destacar a probabilidade de que nem toda organização está estruturada para absorver a cultura de mídia.

Essa obrigação de comunicar das organizações, estimulada pela cultura de mídia, tende a ser rapidamente absorvida pelas culturas organizacionais. Ocorre que o excesso de informação produzida – geralmente acompanhado de pouca escuta – pode resultar em uma comunicação reduzida ao instrumental, ao caráter trefista. Por isso, pensar em lógicas de circulação - e não apenas em lógicas midiáticas - implica um outro olhar. As organizações têm mesmo todo esse potencial de criação de dispositivos e circuitos? Como pensar a gestão da informação/comunicação nos indissociáveis planos físico e digital? E nessa sociedade aceleradamente midiática e “obrigada a comunicar”, a invisibilidade pode ser um valor? Esses parecem ser alguns dos tensionamentos que emergem de uma analítica mais complexa da processualidade da circulação.

2.2. Interculturalidade acelerada

Através da circulação, o fenômeno da mídiação não apenas atravessa e afeta qualquer sistema ou ator social, como também os põe em contato em seu regime de interfaces. Dessa forma, não basta pensar somente os subconjuntos organizacionais – mesmo na perspectiva das três dimensões – mas também os encontros entre as diferentes culturas. A rede contínua de fluxos transversais da paisagem circulatória, ao estimular experimentações midiáticas, muda o patamar das negociações entre as organizações. Os padrões esotéricos de interação organizacional modificam-se (BRAGA, 2006) em virtude dos novos circuitos que atravessam os espaços fronteirços, misturando lógicas entre domínios de saber/experiência. A especialização e as barreiras em relação ao social são tensionadas pela circulação intercultural acelerada.

Uma ambiência de trocas constantes e mútua afetação. Esse é o cenário atual da mídiação, que modifica a tessitura cultural. As diferentes teias se atravessam nesse regime de embates, seja pelos movimentos organizacionais de fala autorizada, seja pelos desvios informais das subjetividades. Nesses encontros, previstos ou não, pode emergir



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

o novo, a partir das experimentações midiáticas manifestadas na heterogeneidade de circuitos organizacionais. Nesse contexto, como as organizações se comportam nesses encontros com as culturas de entorno, em uma paisagem sem fronteiras bem definidas em que lógicas estranhas as invadem continuamente? E como gerir sujeitos culturais multifacetados por identificações diversas e, ao mesmo tempo, investidos de um grande potencial desviante? São outros tensionamentos, revelados por uma ambiência de interculturalidade acelerada.

3. Considerações finais

De um lado, a mediatização como fenômeno que atinge toda e qualquer instância social, do outro, as organizações como os lugares em que os indivíduos se constituem e realizam, verdadeiros modelos para a vida humana. Nesse contexto, naturalizam-se as lógicas provenientes das organizações e da mediatização, o que justifica a exploração dessa interface.

Cultura organizacional e circulação mediatizada, postos em contato, revelam um caminho fértil para investigações posteriores, com o potencial de novas contribuições que escapem das abordagens trefistas e repetitivas. Ressalta-se que o hexágono conceitual é apenas um ponto de partida, que procura o fomento de novas inquietudes a respeito das afetações do fenômeno da mediatização nas organizações e sua conseqüente retroalimentação.

Referências bibliográficas

BALDISSERA, Rudimar. A teoria da complexidade e novas perspectivas para os estudos de comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida M.K. **Comunicação organizacional: histórico, fundamentos e processos**. Volume I. São Paulo: Saraiva, 2009a.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. In: **Organicom**. Ano 6, n.10/11, 2009b.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

BRAGA, José Luiz. Circuito versus campos sociais. 2012. In: JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação e mediatização**. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FASUTO NETO, Antonio; VALDETARO, Sandra (Orgs). **Mediatización, sociedad y sentido**: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosário: Universidade Nacional de Rosário, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da mediatização. In: **Matrizes**. Vol.1, n.2, 2008.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. In: **Líbero**. Facasper, Vol.1, 2006.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz. et al (Orgs). **Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: VOZES, 1995.

URIBE, Pablo Múnera. **La idea de orgaización**: una concepción amplia para una acción efectiva. Medellín: Comunicación, 2007.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Diálogos**. N. 48, 1997.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Matrizes**. Vol.8, n.1, 2014.